

[illegible]

Vosso ser' de a. N. R. sua Parêça e loza a me' Destê a maqua? de 20. -
noultra de 1899. a. 1899. //

Sexuo dei semper pios & castos

Fernando

A Certidão de Nascimento do Nome de Macau

JIN GUO PING* E WU ZHILIANG**



As origens¹ de Macau e a etimologia² do nome de Macau são dois dos temas mais apaixonantes de toda a história³ e historiografia⁴ de Macau. O estudo deste topónimo sempre mereceu o maior interesse dos historiadores e investigadores da presença portuguesa na Cidade de Santo Nome de Deus. A etimologia de Macau é tão controversa como a própria origem da sua existência multissecular. A recente descoberta, seguindo uma pista indicada já em 1962 pelo jesuíta alemão Georg Schurhammer S. J. e com a ajuda do Prof. António Vasconcelos de Saldanha, de uma carta autografada de Fernão Mendes Pinto, precisamente a que escreveu de Macau aos 20 de Novembro de 1555 para o reitor do Colégio de Goa o Pe. Baltazar Dias⁵ e que é considerada como a “certidão de nascimento” do nome de Macau, acaba, de uma vez por todas, com as outras muitas variantes da origem do nome de Macau que conhecemos. Esta missiva tem uma enorme importância para Macau. Por duas vezes, no início e no fim, aparece a palavra ‘amaquão’.⁶ Correspondente ao chinês ‘Amagang/Yamagang’ 阿马(妈)港/亚马(妈)港 (Porto da Deusa A-Má/Ya-Má), esta é a grafia mais

primitiva de todas as variantes do topónimo Macau que apontam uma nasalização final. A carta inclui também vários topónimos coevos, como São choão (São João), llâpacau/lâpaquã (Lampacao/Lampacau) e quâtão (Cantão). Trata-se da única missiva do tempo em que este rico mercador era também noviço jesuíta, revestindo-se, pois, de uma particular importância para os estudos bibliográficos de Fernão Mendes Pinto.

Depois de algumas comparações, nomeadamente com a carta do navegador a Bernardo Neri (de 15 de Março de 1571, Almada), concluímos que tanto a assinatura como a grafia são iguais. Daí poder dizer-se que é um documento original, assinado por Fernão Mendes Pinto. Desta carta existem diversos exemplares, mas subsistiam dúvidas sobre qual seria o original. Estudámos duas cópias conservadas na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa. Numa, no início aparece a fórmula ‘ama quão’ e, no final, ‘ama cuao’; na outra, aparecem igualmente duas formulações: ‘amaquã’, no corpo, e ‘amaquan’, no fecho.

AS GRAFIAS ARCAICAS DE MACAU E A SUA EVOLUÇÃO FONÉTICA

Façamos uma retrospectiva das grafias arcaicas do termo Macau e a sua evolução fonética.

Sobre as muitas variantes do nome de Macau, José Maria Braga escreveu:

*“Portuguese writers, in the middle of the XVIth century, used such variations as Amaqua, Amachao, Amacao, Amacuao, Amaquao, Amaquam, Machoam, Maquao, and eventually Macao.”*⁷

* 金国平 Tradutor e investigador da História de Macau e da História das Relações Sino-Portuguesas. Licenciado em Português pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim.

Translator and researcher of the History of Macao and Sino-Portuguese Relations. Graduate in Portuguese from Beijing University of Foreign Studies.

** 吴志良 Doutorado em História pela Universidade de Nanjing. Vice-presidente do Instituto das Relações Chinesas com o Exterior. Administrador da Fundação Macau.

Ph.D. in History from Nanjing University. Vice-president of the China Overseas Relations Institute. Director of the Macao Foundation.

HISTORIOGRAFIA

Os primeiros nomes de Macau levavam, pois, uma ‘a’ inicial. Foi Luís Gonzaga Gomes quem elucidou o processo da evolução de Amacao para Macao:

“Quanto ao nome de *Amacao*, não resistiu, porém, ao tempo, e, bem depressa, por aférese, ficou reduzido, simplesmente, a Macau, que, nos documentos do século XVI se encontra representado de diversas formas: *Amaqua*, *Amacao*, *Amacuao*, *Amangao*, *Amagao*, *Amaquam*, *Machoam*, *Macháo* e *Maquao*.”⁸

No entanto, as semelhanças e as diferenças entre as antigas grafias de Macau representam uma complexa questão de ordem fonética. Quanto aos elementos ‘a’ e ‘ma’ já existe um certo consenso na comunidade científica internacional, mas o ‘cão’ final ainda está por ser devidamente esclarecido.

‘Macao’ é, de facto, uma corruptela de ‘Macão’, com a queda do til.⁹

Que se saiba, a fórmula ‘Macão’ apareceu pela primeira vez no relatório da embaixada de Gil de Góis, escrito pelo secretário João Escobar em 1565:

“Saiu logo o chumbim de seu aposento e assentou-se em sua cadeira, tendo outra aparelhada para Diogo Pereira. Estava com ele o mandarim que viera a Macão”.¹⁰

O irmão André Pinto, que viajou com esta embaixada, na sua carta datada de 30 de Novembro de 1564, usou tanto ‘Amacao’¹¹ como ‘amacao’.¹² Nessa altura, não havendo ainda rigorosas regras ortográficas, ora se escrevia com maiúscula ora com minúscula.

Segundo a *Labor evangélica de los obreros de la Compañía de Jesús en las Islas Filipinas* de Francisco Colín, obra editada em 1663, o primeiro procurador do Leal Senado de Macau, o português Matias Panela, na sua carta, em espanhol, datada de 10 de Fevereiro de 1583, para o governador das Filipinas, fechou com ‘Macao’.¹³ No entanto, num outro testemunho, também em espanhol, de 27 de Novembro de 1592, quando se referiu a Macau, foi ‘Amacão’ que usou.¹⁴

A fórmula ‘Macão’ também figura na legenda de um mapa anterior 1641.¹⁵

Dez anos mais tarde, na “Carta Annu da China dos annos 1651-1652” na maioria das vezes surge ‘Macao’, verificando-se, no entanto, a concorrência de ‘Macão’.¹⁶ Ao longo do século XIX, em vários manuscritos ainda se lê ‘Macão’.¹⁷

Em meados do século XVIII e inícios do século XIX, além de ‘Macao’ e ‘Macão’, também apareceu a

formulação ‘Macáo’. Seja em publicações¹⁸ seja em manuscritos, foi muito corrente.¹⁹ Isto porque o til se manuscovia como se fosse um acento agudo.²⁰ De facto, quando se pronuncia ‘Macao’, a sílaba tónica é a segunda e, assim, a grafia ‘Macáo’ reflectia a pronúncia real.

Em português, ‘Macao’ e ‘Macão’ são iguais a ‘Amacao’ e ‘Amacão’. Este fenómeno da queda do ‘a’ inicial, sem afectar o campo semântico da palavra chama-se aférese. Em chinês também temos o mesmo caso. Por exemplo, tanto se diz Amagang 阿马(妈)港 como Magang 马(妈)港.

No que toca ao desaparecimento do til nas formas arcaicas de ‘Macao’ ou ‘Amacao’, Graciete Nogueira Batalha sugeriu a teoria da eufonia, já que a ressonância nasal de ‘cão’ não deixaria de sugerir desagradavelmente a palavra ‘cão’.²¹ A seguir este argumento, todas as palavras portuguesas terminadas em ‘cão’ deveriam ter sofrido a mesma alteração.

Em espanhol, a língua neo-latina mais próxima do português, este topónimo grafa-se das mais diversas formas, sendo ‘Macan’ ou ‘Macán’ as mais frequentes e que soam como ‘Macão’ em português.

Em espanhol, ‘can’ e ‘cán’ indicam a nasalização. Estas fórmulas correspondem, assim, às fórmulas portuguesas de ‘cao’ e ‘cão’. Em 1935 Paul Pelliot avançou esta hipótese, afirmando “*Le nom de ‘Macao’ n’est pas la désignation chinoise de l’endroit. Les Espagnols ont écrit longtemps ‘Macan’ (cf. Colin-Pastells), comme si la forme portugaise était Macão*”,²² mas não apresentou exemplos concretos. De facto, é igual o valor fonético de ‘Macan’ e ‘Macán’. Embora ‘Macan’ não leve acento agudo, a pronúncia real é ‘Macán’; ninguém pronuncia ‘Mácan’. Estas fórmulas espanholas correspondem ao ‘Macão’ português.

Fr. Pedro de Alfaro escreveu ‘Macan’²³ na sua carta de 12 de Fevereiro de Outubro de 1579 e também numa outra carta datada de 13 de Outubro de 1579.²⁴

Fr. Agustin de Tordesillas, que viajou com o Fr. Pedro de Alfaro, numa mesma carta utilizou tanto ‘Machan’²⁵ como ‘Macan’.²⁶

Recentemente encontrámos muitas ocorrências de ‘Macan’ num núcleo de documentos em espanhol datados dos anos 80 do século XVI e relativos ao capitão português Bartolomeu Vaz Landeiro.²⁷

O feitor das Filipinas, Juan Bautista Román, na sua carta de 24 de Junho de 1584 para o rei Filipe II, usou a formulação ‘Macán’.²⁸ Numa outra carta, de

HISTORIOGRAPHY



Macau no *Atlas* de João Nunes Tinoco, 1663.

27 de Junho, escreveu ‘Macan’,²⁹ o que prova que a pronúncia é a mesma, tenha ou não acento agudo.

O Pe. Alonso Sánchez, além de usar ‘Macán’ nas suas relações das viagens que fez à China e Macau, numa carta para Filipe II datada de 22 de Junho de 1584 socorreu-se também das fórmulas espanholas ‘Macon’ e ‘Macan’,³⁰ embora o texto esteja redigido num espanhol aportuguesado. Numa outra carta escrita em 27 de Junho do mesmo ano escreveu ‘Amachan’.³¹ Numa outra desta mesma data serviu-se de ‘Machan’. Quer ‘Macon’ (ou ‘Macan’) quer ‘Amachan’ (ou ‘Machan’) reflectem de facto a nasalização portuguesa final. Se revertêssemos para português teríamos ‘Macão’ e ‘Amacão’, respectivamente.

O navegador Pedro de Unamuno, num roteiro de 1587, escrito em espanhol, utilizou ‘Macan’.³²

‘Macan’ também passou à cartografia espanhola, como se comprova pelo “Mapa de las islas de Luzón y Hermosa y parte de la costa de la China”,³³ de Hernando de los Ríos Coronel e datado de 1597.

As traduções espanholas costumam preservar a grafia lusa. Por exemplo, numa carta do Pe. Gregório Gonçalves,³⁴ supostamente escrita em português, mas traduzida em espanhol em 1573, temos ‘Maquão’.³⁵ Este ‘Maquão’ é igual ao ‘amaquão’ de Fernão Mendes Pinto, como já vimos. No “Juramento de los hidalgos de Macao al rey Felipe II”, escrito em português em 20 de Janeiro de 1582, surge a fórmula ‘maqao’.³⁶ Matias Panela, em 1583, na carta, em espanhol, de juramento de vassalagem ao governador das Filipinas usou ‘Macan’ no corpo³⁷ e ‘Macao’ no fecho. Nesta carta, não muito extensa, usou indiferentemente as duas grafias, o que prova que o valor fonético é o mesmo. No entanto, o mesmo Matias Panela num texto de 1592, escreveu ‘Amacão’. Usava as três fórmulas, porque eram completamente sinónimas. Outra vez mais a prova que o valor fonético real de ‘Macao’ e ‘Macão’ é o mesmo.

O Pe. Melchior Carneiro, bispo de Macau, numa carta escrita em espanhol em Julho de 1582 para o

HISTORIOGRAFIA

bispo espanhol das Filipinas, Pe. Domingo de Salazar, usou a fórmula ‘macao’, o que é muito significativo. Embora escrevesse em espanhol, continuava usar a formulação portuguesa.³⁸ O Pe. Pedro Gómez, numa carta de Janeiro de 1583 para o governador das Filipinas, Gonzalo Ronquillo de Peñalosa, também em espanhol, usou ‘Amachao’.³⁹ Evidentemente, esta é uma grafia portuguesa. O jesuíta Francisco Carvajal, na sua “Descripción Filipinas y Japón”, de 27 de Junho de 1584, dirigida de Macau ao rei Filipe II, continua com a grafia portuguesa de ‘Machao’.⁴⁰ Os espanhóis que residiam em Macau também por vezes utilizavam a fórmula portuguesa de ‘Macao’. Por exemplo, o comissário Fr. Martín Ignacio de Loyola⁴¹, na relação de viagem, escrita em 1582, usa ‘Machao’.⁴² Em 6 de Junho de 1587, o vigário provincial dos Agostinhos, o Pe. Francisco Manrique, e Fr. Martín Ignacio de Loyola nas suas cartas dirigidas ao rei Filipe II socorrem-se de ‘Macao’.⁴³ Estes exemplos elucidam bem que as fórmulas ‘Macan’ e ‘Macán’, correntes em espanhol, correspondem às formulações portuguesas ‘Macao’ e ‘Macão’.

Na bula do Papa Gregório XIII, de 23 de Janeiro de 1576, Macau é grafado ‘Machao’: “*in loco de Machao, dictæ de Machao Insula*”.⁴⁴

Vejamos grafias de outras línguas neo-latinas, nomeadamente a italiana.

Fr. Giovanni Battista da Pesaro, membro do primeiro grupo de franciscanos chegados a Macau, na sua relação de viagem de 1592, redigida em italiano, usou a fórmula ‘Amacao’.⁴⁵ Evidentemente que esta é uma forma lusa.

O visitante do Oriente, o italiano Alexandre Valignano, nas suas cartas e obras em espanhol, escreveu Macau das mais variadas formas. Na maioria das vezes, e de acordo com a ortografia portuguesa, ‘Macao’⁴⁶, ‘Machao’⁴⁷ e ‘Amacao’.⁴⁸ Por vezes grafou ‘Amachan’⁴⁹ e ‘Machaun’.⁵⁰ Não há dúvida que estas fórmulas terminadas em ‘n’ representam a nasalização em espanhol.

Vemos, pois, que ‘Amacan’ é a fórmula espanhola correspondente ao português ‘Amacao’.

Richard Cocks, feitor inglês em Hirado, em 1616 ainda continuava a utilizar a grafia ‘Amacon’,⁵¹ o que terá inspirado o historiador britânico C. R. Boxer ao intitular uma sua obra como *The Great Ship from Amacon. Annals of Macao and the Old Japan Trade, 1555-1640*.

O japonês é uma língua muito afastada das línguas latinas. A primeira enciclopédia japonesa, de 1914, *Koji Ruien* 古事类苑, tem uma entrada sobre Macau, intitulada “Amaka[ca]n 亚妈港”:

“Amaka[ca]n 阿妈港, também conhecido como Amaka[ca]n 阿妈巷, Amaka[ca]n 阿马港 ou Amaka[ca]n 亚妈巷.

阿妈港, cuja pronúncia em chinês é ‘amaka[ca]n’, em japonês pronuncia-se ‘amaka[ca]u’. Vulgarmente, usam-se dois caracteres 天川, cuja pronúncia é ‘amagawa’.”⁵²

“No período *Edo*, em *kanji* escrevia-se 天川, pronunciando-se ‘amagawa’. ‘Amagawa’ era também conhecido como Amagawaka[ca]n 天川港.”⁵³

IDENTIFICAÇÕES ETIMOLÓGICAS DO TOPÓNIMO MACAU EM CHINÊS

Façamos uma resenha das tentativas de identificação etimológica do topónimo Macau em chinês:

1. Bokou 船口 (ancoradouro)

Esta teoria foi lançada por He Dazhang 何大章 e Miao Hongji 缪鸿基⁵⁴ e desenvolvida por Huang Wengkuan 黄文宽.⁵⁵ Os dois primeiros escrevem:

“Ma-cau 马交, como os estrangeiros chamam Aomen 澳门, deverá ser uma corruptela de Bokou. No 14.º ano do reinado de Jiajing (1522-1566), Huang Qing 黄庆, comandante militar metropolitano da Casa Branca, solicitou autorização superior para fazer deslocar os barcos estrangeiros para Haojing 濠镜,⁵⁶ chamando a terra de Boukou ou Boao 舶澳. Os portugueses corromperam esta palavra, Boukou ou Boao, para Macao.”⁵⁷

Esta teoria não é apoiada por nenhuma prova documental. O macaense Luís Gongzaga Gomes desenvolveu-a, dando lugar a uma nova:

“Entretanto, a admitir-se a hipótese de os primeiros habitantes de Macau terem sido fuquienses e de estes terem constituído um núcleo importante da pioneira colonização de Macau, seria, então, natural que os primeiros portugueses que apareceram nas águas chinesas lidassem com esses naturais de Fuquien, bons marinheiros e mais destemidos e aventureiros

HISTORIOGRAPHY

que os nativos doutras províncias, retendo assim, na sua outiva o nome *má-kauk*, que seria como, em fuquinense, se pronunciaria o nome *má-kók*, nome este com que ainda hoje se denomina, em cantonense, o sítio a que demos o nome de *Barra*, como já nos referimos mais atrás.

Sendo, assim, o étimo da palavra Macau teria a sua origem nestes dois elementos sónicos *má-kók*, pronunciados à fuquinense, isto é, *má-kauk*, tendo a gutural final *k* caído, por exigência da nossa pronúncia, por deturpação ou por qualquer fenómeno fonético. É lícito, no entanto, perguntar-se: não existindo, na nossa língua, finais guturais e havendo a tendência de as adoçar com a intervenção dum *e* final mudo, porque não diriam os primeiros portugueses que vieram à China *Macauque*, em vez de *Macau*. Este assunto só pode, evidentemente, ser esclarecido por filólogos que tenham investigado como se pronunciavam ou pronunciariam, na realidade, esses sons, há quatrocentos anos.”⁵⁸

Pela exposição de Luís Gonzaga Gomes, se a teoria de Bokou fosse válida, em conformidade com a fonética portuguesa, ‘Macao’ deveria grafar-se ‘Macaoque’. Não se encontrou esta fórmula nas fontes portuguesas, pelo menos até ao momento. Tan Shibao 譚世宝, para consolidar a sua “descoberta” da data da construção do Pagode da Barra, citou imensos autores chineses, tanto clássicos como modernos, para comprovar as possíveis trocas de ‘b’ por ‘m’. De outra maneira não poderia justificar a ocorrência de ‘amaquão’ na famosa carta do 20 de Novembro de 1555 de Fernão Mendes Pinto, meio século mais cedo do que a suposta verdadeira data da construção do Pagode da Barra.

2. Majiaoshi 马蛟石 (rochedo do Cavalo e do Dragão)

Apesar de na *Aomen Jilüe* 澳门记略 (Breve Monografia de Macau)⁵⁹ haver referências ao Majiaoshi⁶⁰ e no vocabulário apenso se dar Majiao 马交⁶¹ como correspondendo a Macao, foi T’ien-Tsê-Chang quem se serviu desta informação para tentar identificar a etimologia de Macau.⁶² Esta versão teve os seus adeptos, mas qualquer estudo sério levará à sua imediata rejeição. Na sua base está uma errada leitura do carácter *jiao* 交 (coito). De facto, este carácter é homófono de *jiao* 蛟 (dragão). Este erro já foi devidamente corrigido por Graciete Nogueira Batalha.⁶³

3. Majiao 马角 (chifre de cavalo)

Trata-se duma interpretação de ‘Majiao’ feita por Luís Gonzaga Gomes. Damos razão à crítica feita por Graciete Nogueira Batalha.⁶⁴

4. Niangmajiao 娘妈角 (Ponta da Barra) e Mage 妈阁 (Pagode da Barra)

Zhang Weihua 张维华 foi o grande apologista desta versão.⁶⁵

5. Amagang/Yamagang (Porto da Deusa A-Má/Ya-Má)

Parece ser a teoria prevalecente na identificação etimológica de Macau. Façamos uma rápida retrospectiva desta versão.

a. Magong 马(妈) 宫 (Pagode da Deusa A-Má)

Houve discussões sobre se ‘cao’ teria vindo de *gong* 宫 (templo) ou de *gang* 港 (porto).

C. R. Boxer cometeu um deslize bastante grave ao afirmar, na primeira edição de *Fidalgos in the Far East 1550-1770*, datada de 1948: “*The goddess Ma or Ama appears to be one of the manifestations of wan Yin, Deity of Mercy, the popular Buddhist equivalent of Our Lady*”,⁶⁶ o que foi objecto de crítica por parte de J. J. L. Duyvendak.⁶⁷ Aparentemente, o eminente investigador inglês aceitou a crítica, considerando-a como uma das possíveis explicações do nome de Macau, mas sempre manteve a sua teoria inicial.

Foneticamente, *gong* é semelhante a *gang*, mas não há registos documentais nas fontes chinesas, o que nos leva a encarar esta hipótese com muitas reservas.

Em *Le Historie delle Indie Orientale* de Giovanni Maffei, editada em 1589, temos muitas ocorrências de ‘Amacan’.

Luís Gonzaga Gomes, ao citar Giovanni Maffei, escreveu:

“A obra de Maffei foi originariamente escrita em latim. Teria o tradutor da versão italiana adulterado a palavra *Amacau* para *Amacan* ou seria, então, efectivamente, de pronúncia nasal a última sílaba da palavra *Macau*? No caso afirmativo, a teoria dessa palavra provir do fuquinense *Makauk* seria, manifestamente, inconsistente. Teríamos, então, à falta de outra, a hipótese de tal nasalização provir do facto de se ter utilizado o vocábulo chinês *kóng*, que, em fuquinense se pronúncia *koung* ou *kong* derivando, assim de Hou-Kóng (Rio do Fosso),

HISTORIOGRAFIA

uma das várias designações outrora usada pelos chineses para se referirem a Macau.”⁶⁸

Como vimos, ‘Amacan’ é uma fórmula espanhola, correspondente ao português ‘Amacao’. Dado que não houve erro de tradução, trocando ‘cau’ por ‘can’, este argumento de Luís Gonzaga Gomes dificilmente pode ser defendido.

b. Yamajiao 亚妈濠 (Turbilhão da Deusa A-Má)

José Maria Braga, ao seguir a forma de Langbaijiao 浪白濠, recalcou-a para a tradução de Amacao, criando assim a expressão ‘Yamajiao’.⁶⁹

c. Ama’ao/Yama’ao 阿马(妈)澳/亚马(妈)澳 (Ancoradouro ou baía da Deusa A-Má/Ya-Má)

Trata-se duma interpretação tradicional da etimologia de Macau, a partir da obra ricciana, cujos apologistas principais foram Paul Pelliot,⁷⁰ Monsenhor Manuel Teixeira.⁷¹ C. R. Boxer também aceitou esta versão.⁷²

(Y)ama’ao é formado de três elementos. O ‘(Y)a’ inicial é facultativo. A sua queda não afecta o campo semântico do termo. ‘Ma’ 妈 é homófono de ‘Ma’ 妈, por isso tanto se diz Mazhu 妈祖 como Mazhu 妈祖.

Søren Egerod não acha esta etimologia muito satisfatória. É apologista da versão de (Y)ama’ao, ao mesmo tempo que advoga a versão Magang 妈港 (Porto da Deusa Má).⁷³

d. Amagang/Yamagang (Porto da Deusa A-Má/Ya-Má)

Pelos progressos verificados na identificação etimológica do nome de Macau, esta é uma versão bem fundamentada e cartograficamente comprovada:

1. Corresponde a descrições em línguas ocidentais.

Os relatos portugueses sobre a Deusa A-Má são muito antigos:

1553 – “Adorão duas images de molheres que cre que fam fanctas, hua fe chama Nâma & tena os mareantes por aduogada,”⁷⁴

1566 – “Crem hos Chins em hum fo Deos, criador de todalas coufas: adoram tres images de homens todas as tres semelhantes: fazem grande honrra à imagem de hua molher, que te por sanbta, que chamam Nâma, que elles crem que he aduogada de todos ante Deos, afsi dos que amdam pela terra, quomo dos q nauegam pelo már [...] Has figuras deftas images todas trouxe Fernam perez dandrade, pintadas em panos de paugage, & aruoredos qua fi do mefmo modo que

fam hos panos pintados que faze em Flandres, hos quaes aprefentou a elRei dom Emanuel em Euora, com outras coufas de quella provincia.”⁷⁵

Em italiano, temos igualmente um testemunho:

1598-1599 – “E quando oferiscono le suddette cose in qualche festa solenne, se le mangiano quivi apresso l’idolo, sì com’io veddi fare in Amacao alla campagna, in certo luogo dedicato al loro idolo, dove erao alcune pietre grande, com caratteri d’orosculpiti in quelle, si chiama ‘Ama’: e perciò l’isola detta Amacao vuol dire ‘luogo dell’idolo Ama’: la quale festa facero il primo giorno della luna nuova di marzo, ch’è il loro capo d’anno, il quale festegiano per tutto il regno come festa principalissima.”⁷⁶

Este relato testemunhal de Francesco Carletti,⁷⁷ que esteve mais de meio ano em Macau, reveste-se de grande importância documental para a solução da polémica relativa à data da construção do Pagode da Barra. Esta descrição condiz com o que se lê na *Aomen Jilüe*, de modo a comprovar que as lendas sobre o Pagode da Barra não são ‘fogo sem fumo’.

“Existem, em Macau, três blocos de pedra lendários. Um deles chama-se Yangchuanshi 洋船石 (Rocha do Barco Transoceânico). Reza a tradição que no reinado de Wanli (1573-1620), quando um grande barco de uns abastados comerciantes de Fujian foi surpreendido por uma enorme tempestade, apareceu subitamente uma santa, de pé, no alto dum rochedo que salvou o barco. Logo se ergueu um templo, em honra e agradecimento a Tianfei 天妃 (Concubina Celestial), dando-se a este lugar o nome de Niangmajiao 娘妈角 (Ponta de Niangma, Ponta da Barra). Niangma 娘妈 é o nome pelo que é designada Tianfei no dialecto de Fujian. Na superfície do rochedo que se ergue em frente do seu templo gravou-se o desenho de um barco com a seguinte inscrição: *Lishe dachuan* 利涉大川 (Travessia feliz dos rios),⁷⁸ em homenagem e reconhecimento do milagre de Tianfei.”⁷⁹

Estas duas informações são complementares. Francesco Carletti refere “alcune pietre grande”,⁸⁰ que deviam ficar em frente do Pagode da Barra como confirmam os autores de *Aomen Jilüe* pelo que se pode afirmar que, antes de 1605, já existia um templo da Deusa A-Má. O que é irrefutavelmente corroborado por uma fonte manuscrita coeva. João de Escobar informa-nos:

HISTORIOGRAPHY

“Estando a coisa desta maneira, o mandarim mandou dizer a Dom João que ele desembarcava e ia à varela para se ver com ele e assentarem seus negócios, por não se perder tempo, que Sua Mercê o mesmo fizesse. Dom João o houve por bem e foi ter ao dito lugar, que é no cabo da povoação”⁸¹

Por isso, seria mais lógico interpretar a inscrição que se encontra no Templo da Barra – *Qinchai zongdu Gungdong zhuchi Shibao shuiwu jianguan yanfa taijian Li Feng* 钦差总督广东珠池市舶税务兼管盐法太监李凤建 – não como “Construído por pelo eunuco Li Feng, que superintende, na qualidade de enviado imperial, os assuntos dos viveiros de pérolas, dos impostos sobre os barcos estrangeiros e do sal de Cantão”⁸² mas sim como “Mandado reconstruir pelo eunuco Li Feng...”, como bem sugere A San 阿三.⁸³ Pelo menos, em 1563 já existia um templo de A-Má e o registo de Francesco Carletti comprova, sem margem de dúvida, que, antes de 1605, já existiam várias pedras com inscrições, que ainda subsistem.

2. É suportada pela cartografia chinesa

A zona em volta do Pagode da Barra chama-se, em português, Barra e as águas à sua frente são sinalizadas como Yamagang (Porto da Deusa A-Má) no *Guangdong yanhai tu* 广东沿海图 (Mapa Marítimo de Cantão) e na *Yue Daji* 粤大记 (Grande Crónica de Guangdong), de Guo Fei 郭棐, publicada cerca de 1598. Trata-se da única prova cartográfica chinesa com a expressa referência a Yamagang e onde se podem ver ancoradas duas naus portuguesas, acompanhadas de uma legenda – *fanchuan* 番船 (barcos dos bárbaros). No meio da península de Macau, indicada como Haojing’ao 濠镜澳 (Baía do Espelho das Ostras das Janelas), estão desenhadas seis casas ocidentais com a seguinte legenda: *fanren fanwu* 番人房屋 (casas dos bárbaros). Na parte oriental está sinalizada a aldeia chinesa de Wangxia 望下 (Mong-Há).

3. Yamagang nos autores chineses e ocidentais

Zhongguo Gujin Diming Dacidian 中国古今地名大辞典 (Grande Dicionário da Toponímia Antiga e Moderna da China), no verbete “Magang” 妈港 (Porto da Deusa Má) reenvia para o verbete “Aomen” 澳门 (Porta da Baía, Macau):

“Nesta terra, também conhecida como Amagang 阿妈港 (Porto da Deusa A-Má) ou Magang 妈港

(Porto da Deusa Má), existe um Amashengmiao 阿妈神庙 (Templo da Deusa A-Má)”.⁸⁴

Cihai 辞海 (*Mare Lexicum*) é mais explícito ao afirmar:

“Magang é um nome variante de Aomen 澳门. Como nesta terra existe um Amashengmiao, também é conhecida como Amagang ou Magang.”⁸⁵

A influência ricciana é evidente, pois em chinês não se costuma dizer Amashengmiao.

Antes de virem à luz novas provas documentais ou cartográficas que a ponham em causa, parece devermos aceitar esta etimologia para o topónimo Macau.

Esta argumentação é finalmente abonada por uma obra existente no *Archivum Romanum Societatis Iesu* (ARSI). No Dicionário Português-Chinês, cuja autoria é geralmente atribuída aos padres Michele Ruggieri e Matteo Ricci, temos “Maquao = Haojing’ao 蚝镜澳”.⁸⁶ ‘Maquao’ pronuncia-se ‘Macao’.

Esta informação reveste-se de uma enorme importância já que nos leva a resolver uma dúvida multisecular. Queremos dizer que todas as formas ocidentais de Macau derivaram de Yamagang (Porto da Deusa A-Má), como a cartografia supracitada ilustra, mas a sua correspondência em chinês não é Yamagang, mas sim Haojing’ao. *Hao* quer dizer ‘ostra das janelas’,⁸⁷ *jing*, espelho e *ao*, ancoradouro ou baía. Isto significa que o nome Maguao, embora seja de origem chinesa, derivado do nome da Deusa A-Má, tem Haojing’ao como nome vernáculo chinês correspondente.

Este desfasamento semântico na toponímia macaense é muito muito frequente. Isto talvez seja o vestígio mais marcante da miscigenação cultural que se verificou em Macau, terra de confluências de culturas, a ocidental e cristã, trazidas pelos portugueses, e a chinesa, milenária.

IDENTIFICAÇÃO DOCUMENTADA DE ‘OQUEM’

Por último, propomo-nos debruçar sobre uma identificação documentada de ‘oquem’.

Tomé Pires⁸⁸ escreve:

“Alem do porto de quantom⁸⁹ esta outro porto que se chama oquem he amdadura pº terra De tres dias E por mår huu dia & huuå noite este he o porto dos lequjos e Doutªs nacoees mujtos portos tem além q sera largura cousa De Comtar que

HISTORIOGRAFIA



HISTORIOGRAPHY

ao presente nom fazem em nosso caso somente atte qmtom⁹⁰ porq esta he a chauce do Reini De chyna”.⁹¹

Pela semelhança fonética entre Haojing e ‘oquem’, José Maria Braga criou uma grande confusão ao dar à estampa o artigo, inicialmente em inglês, intitulado “Macau em 1515: observações sobre a edição da *Suma Oriental* de Tomé Pires do Dr. Armando Cortesão”,⁹² no qual não hesitou em identificar ‘oquem’ com Haojing, portanto, com o actual Macau. Esta identificação irresponsável tem influenciado muitos estudiosos chineses e ocidentais.

De facto, Armando Cortesão, com a ajuda do eminente sinólogo Arthur Christopher Moule, identificou com sucesso ‘oquem’ com Fujian. Foneticamente, esta identificação é aceitável, mas de ponto de vista historiográfico é necessário completá-la com alguns dados acerca do sistema do comércio tributário da China imperial, sobretudo na dinastia Ming (1368-1644).

Pela frase “este he o porto dos lequjos e Dout^{as} nacoees” sabemos que ‘oquem’ é a via por onde entravam na China os embaixadores tributários léquios⁹³ para apresentarem os seus tributos à corte, o que é confirmado pela *Aomen Jilüe* com a seguinte informação em relação aos Léquios: “Hoje em dia, trazem os seus tributos por Fujian. Nunca vieram comerciar a Guangdong.”⁹⁴ A *Mingshi* 明史 (História Oficial dos Ming), no seu verbete sobre os Léquios, diz:

“No primeiro ano (1436) do reinado de Zhengtong (1436-1449)⁹⁵ o embaixador léquio argumenta, afirmando que inicialmente, quando entrava por Fujian, só dava parte dos tributos. Na 7.^a lua do primeiro ano do reinado de Hongzhi (1488-1501),⁹⁶ quando o seu embaixador veio de Zhejiang, os funcionários dos protocolos diziam que a sua via tradicional para a apresentação dos tributos era Fujian”.⁹⁷

Verifica-se que, nessa altura, a *Shibosi* 市舶司 (Superintendência do Comércio Marítimo)⁹⁸ estava em Quanzhou 泉州, o que é perfeitamente abonado pela *Mingshi*, onde se afirma: “Quanzhou comunica-se com os Léquios”.⁹⁹ O ‘oquem’ do primeiro embaixador português à China refere-se a Fujian em geral. José Maria Braga lançou a sua identificação com o actual Macau, mas esqueceu-se de um facto que não deve ser ignorado.

Não se conhecem, até ao momento, referências nas fontes portuguesas à presença portuguesa em Macau anteriores a 1553. Esta identificação de José Maria Braga tem tido muitos adeptos, tanto ocidentais como chineses. Foi Dai Yixuan 戴裔煊 quem a divulgou junto dos estudiosos chineses.¹⁰⁰ Analisando bem as fontes chinesas com referências à actual Macau como um ancoradouro para o comércio marítimo em 1535,¹⁰¹ será muito difícil imaginar como é que no Sudeste Asiático, uns vinte anos antes, isto é, no momento em que Tomé Pires concluiu a sua obra, já existiam informações sobre o actual Macau.

De facto, nas fontes chinesas há referências à presença de Léquios¹⁰² em Xiangshan’gang 香山港 (Porto do Monte Odorífero), mas trata-se duma presença esporádica, na sequência de um naufrágio, como vemos nesta descrição:

“Nessa altura, isto é no 10.º ano do reinado de Zhengtong (1445), Cai Xuan 蔡璇, quando o nosso vassalo tributário e outros iam comerciar com os seus produtos autóctones a alguns países vizinhos da China, navegaram à deriva até Xiangshan’gang”.¹⁰³

Não faltam estudiosos chineses que tentam identificar Xiangshan’gang com Xiangshan’ao 香山澳 (Ancoradouro do Monte Odorífero). Nos anos 30, Liang Jiabing 梁嘉彬 já deixou esta questão bem analisada:

“*Shuyu zhoushulu* 殊域周咨录, no seu capítulo 4, relativo aos Léquios, informa:

No 10.º ano do reinado de Zhengtong, Cai Xuan, o nosso vassalo tributário, e outros iam comerciar com os seus produtos autóctones a alguns países vizinhos à China, navegaram à deriva a Xiangshan’gang. ‘Nota: no período de Zhengtong o actual Macau ainda era desconhecido dos estrangeiros, de maneira que Xiangshan’gang deveria ser Lampacau!’”¹⁰⁴

Não pretendemos aprofundar a questão da identificação de Xiangshan’gang ou Xiangshan’ao, sem embargo, não deixamos de fazer uma leitura atenta e cuidadosa das informações supracitadas. Tanto Huang Zuo 黄佐 como Yan Congjian 严从简 se referem a uns naufragos Léquios que demandaram Xiangshan. Vejamos o que diz Gu Yanwu 顾炎武 acerca deste episódio:

“Eram bem recolhidos os que deviam entrar por Fujian e que sofreram naufrágios, tais como os de Bornéu [...] dos Léquios, [...] Dos novos

Yamagang no “Guangdong yanhai tu”.

HISTORIOGRAFIA

países tributários, como Lambri 喃勃利, há quem tenha vindo parar a Qiongzhou 琼州. No 10.º ano do reinado de Zhengtong, quando o *haidao* 海道 (subintendente dos Assuntos de Defesa Costeira)¹⁰⁵ Zhang Ge 章格 andava a inspeccionar o litoral, aconteceu que quando Cai Xuan, embaixador tributário dos Léquios, e outros iam comerciar com os seus produtos autóctones a a uns países vizinhos da China, navegaram à deriva até Xiangshan'gang. As autoridades competentes, considerando-os piratas, queriam matá-los para poderem solicitar prémios aos seus superiores. Zhang Ge impediu-os e apresentou exposições sobre o caso. Foram-lhes restituídos os bens apreendidos e mandaram-nos de volta, pelo que os bárbaros ficaram muito gratos. Nos últimos anos houve muitos comerciantes Léquios que vieram parar a Qiongzhou. Os naufragos foram apresentados ao *qianshi* 仝事 (adjunto do Comissário da Administração Judicial)¹⁰⁶ de Guangzhou e foram bem acolhido por Jin Yancai 经彦案, pelo que estes indivíduos vindos de longe ficaram muito agradecidos.”

Precisamente porque a via de Guangdong, tradicionalmente reservada aos países do Sudeste Asiático, não era para os Léquios, “as autoridades competentes, considerando-os piratas, queriam matá-los para poderem solicitar recompensas aos seus superiores.”

Se lermos com atenção Tomé Pires, esta polémica não tem razão de ser. Vejamos o que nos informa o boticário acerca dos Léquios:

“A Ilha sua he gramde he de mujta Jemte tem nauetas pequenas a sua guisa Juncos tem tres ou quaotro q comtinoamente compam na chyna E nom tem mais tratã na china e em malaq^a E as vezes em companhia dos chijs /as vezes por sy na chijna tratam no porto de foquem q he na terra da chijna Junto De quamtom nauegaçam De huu dia & huuã noyte”.¹⁰⁷

É curioso notar a completa coincidência entre estas frases de Tomé Pires:

“Alem do porto de quantom esta outro porto que se chama oquem he amdadura pº terra De tres dias E por mår huu dia & huuã noite”

e

“E as vezes em companhia dos chijs /as vezes por sy na chijna tratam no porto de foquem q he na

terra da chijna Junto De quamtom nauegaçam De huu dia & huuã noyte”.

Ficámos a saber que ‘oquem’ está para lá de ‘quantom’ e que a viagem segue a partir de ‘quantom’ pelo litoral chinês acima em direcção de Fujian.

Parece podermos afirmar que ‘oquem’ é uma forma deturpada de ‘foquem’.

CONCLUSÃO

Anteriormente a 1602, ano em que apareceu a primeira cartografia chinesa onde figura Yamagang, já existia, de certeza, esta denominação, que deu lugar ao português ‘amaquão’, uma transcrição fonética exacta da designação chinesa. Em fontes chinesas e portuguesas o seu âmbito geográfico não coincide. Nas primeiras, refere-se ao ancoradouro ou à baía em frente do Templo da Barra enquanto nas segundas é o nome de toda a península de Macau.¹⁰⁸

Uma língua neo-latina mais próxima do português e uma língua oriental que não tem nenhum parentesco com ele conservam o mesmo som, o que prova irrefutavelmente que ‘amaquão’ vem do chinês Yamagang. A fórmula portuguesa de ‘amaquão’, passando por ‘Macão/Macao’ e ‘Amacão /Amacao’, deu origem à grafia arcaica de ‘Macao’, que está na origem da grafia moderna: Macau.

“Macau” vem de Amagang, que significa Porto da Deusa A-Má, protectora dos mareantes. **RC**

Nota dos autores: Neste trabalho contámos com a ajuda do Prof. Doutor António de Saldanha, da Doutora Mihoko Oka, do Doutor Lúcio de Sousa, do Prof. Doutor Rui Manuel Loureiro, do Professor Manel Ollé Rodríguez e do Professor Mo Xiaoye, entre outros, sobretudo da Mestra Jiang Wei, doutoranda no King's College London, que nos ajudou a conferir as fontes e teve a paciência de ler o esboço deste texto, pelo que deixamos aqui o nosso agradecimento.

NOTAS

- 1 Nesta área, algumas obras recomendáveis são: Albert Kammerer, *La découverte de la Chine par les portugais au XVI^{me} siècle et la cartographie des portulans* (suplemento ao vol. 39 de *T'oung Pao*). Leiden: E. J. Brill, 1944; Monsenhor Manuel Teixeira, *Os Militares em Macau*, Macau, Comando Territorial Independente, 1976; idem, *Primórdios de Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1990; W. Robert Usellis, *As Origens de Macau*. Macau: Museu Marítimo de Macau, 1995 (*The Origin of Macao*. Chicago: The University of Chicago, 1958, 48 p.); Rui Manuel Loureiro, *Em Busca das Origens de Macau*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996; Luís Filipe Barreto, *Macau: Poder e Saber. Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Presença, 2006 e Jin Guo Ping 金国平 e Wu Zhiliang 吴志良, *Revisitar os Primórdios de Macau: Para uma Nova Abordagem da História*. Macau: Instituto Português do Oriente/Fundação Oriente, 2007. A tese de doutoramento de Fok Kai Cheong 霍启昌 e o seu *Estudos sobre a Instalação dos Portugueses em Macau*, (Lisboa, Gradiva, 1996), nela baseado, limitam-se às obras chinesas de referência geral conhecidas.
- 2 Um estudo de síntese geral é o artigo inaugural da *Revista de Cultura* de Graciete Nogueira Batalha, “Este nome de Macau...”, in *Revista de Cultura*, n.º 1 (Abril/Junho 1987), pp. 7-15.
- 3 Duas obras da história de Macau de peso, seja pela extensão seja pela qualidade académica, são: A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, 6 vols. Lisboa: Fundação Oriente, 1998-2003 e Wu Zhiliang, Jin Guo Ping e Tang Kaijian 汤开建 (ed.), *Aomen Shi Xinbian* 澳门史新编 (Nova História de Macau), 4 vols. Macau: Fundação Macau, 2008. Sobre esta obra, cf. a recensão do Professor Roderich Ptak, “Yitao ‘guijixing’ huibian de zhuzuo” 一套“国际性”汇编的著作—澳门史新编 (Nova História de Macau. Uma obra resultante da colaboração internacional), in *Ou Mun* 澳门日报 (Diário de Macau), caderno E7, edição de 11 de Maio de 2009. Esta obra editada em caracteres tradicionais, tendo despertado interesses do meio académico, vai ser editada em breve em caracteres simplificados na China.
- 4 Roderich Ptak, *Macau and Sino-Portuguese Relations, c. 1513/14 to c. 1900: A Bibliographical Essay*, in *Monumenta Serica* 46 (1998), pp. 343-396 e Rui Manuel Loureiro, *Guia de História de Macau: 1500-1900*. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.
- 5 Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), Goa, 10, fls. 349-351.
- 6 ARSI, Goa, 10, fls. 349 e 351.
- 7 José Maria Braga, *The Western Pioneers and their Discovery of Macao*. Macau: Imprensa Nacional de Macau, 1949, p. 105.
- 8 Luís Gonzaga Gomes, *Macau. Um Município com História*. Organização, prefácio e notas de António Aresta e Celina Veiga de Oliveira. Macau: Leal Senado de Macau, 1997, p. 73.
- 9 Em 2000, avançamos com esta suposição, cf. Jin Guo Ping, *Zhongguo Guanxi Shidi Kaozheng* 中葡关系史地考证 (Estudos Histórico-Geográficos sobre as Relações Sino-Portuguesas). Macau: Fundação Macau, 2000, p. 20, n. 74.
- 10 Cf. Rui Manuel Loureiro, *Em Busca das Origens de Macau*, p. 170. O original em ARSI, Goa, 38, fl. 69v.
- 11 ARSI, Jap.-Sin., 5, fl. 152v e 165.
- 12 ARSI, Jap.-Sin., 5, fl. 164.
- 13 Francisco Colín, *Labor evangélica, ministerios apostolicos de los obreros de la Compañia de Jesus fundacion, y progresos de su provincia en las Islas Filipinas*, ed. de José Fernández de Buendía, Madrid, 1663, Lib. II, Cap. IV, p. 189.
- 14 ARSI, Jap.-Sin., 31, fl. 1. Outra ocorrência consta de *Documentação Ultramarina Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960, vol. 1, p. 1. Na mesma página lê-se “Lampacão”.
- 15 *Livro das plantas das fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia oriental com as descrições do marítimo dos reinos e províncias onde estão situadas e outros portos principais daquelas partes: contribuição para a história das fortalezas dos portugueses no ultramar*, edição preparada e prefaciada por Luís Silveira., Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1991, p. 109, mapa n.º 93.
- 16 “Carta Annua da China dos annos 1651-1652”, Biblioteca da Ajuda, Jesuítas na Ásia, Códice 49-IV-61, fl. 518v.
- 17 Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Correspondência Trocada entre as Autoridades de Guangdong e os Procuradores do Senado*. Macau: Fundação Macau, 2000, vol. VI.
- 18 Há dois livros do século XIX que levam ‘Macáo’ no título: José Ignácio Andrade, *Memoria dos feitos macaenses contra os piratas da China e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macáo*. Lisboa: Typ. Lisbonense, 1835 e José António Maia, *Memoria sobre a franquia do porto de Macáo*. Lisboa: Edição de Typ. da Revolução de Setembro, 1849. Outras obras, como: Sinibaldo de Mas y Sans, *La Iberia: memoria sobre las ventajas de la union de Portugal y España*, 2.ª ed. Madrid: Imp. de M. Rivadeneyra, 1853; *Memorias sobre as possessões portuguezas na Asia / escriptas no anno de 1823 por Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto; e agora publicadas com breves notas e additamentos de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara*. Nova-Goa: Imprensa Nacional, 1859; Julio Firmino Judice Biker, *Collecção de tratados e concertos de pazes que o Estado da India Portugeza fez com os Reis e Senhores com quem teve relações nas parte da Asia e Africa Oriental desde o principio da conquista até ao fim do seculo XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886 e Manuel Múrias (ed.), *Instrução para o Bispo de Pequim e Outros Documentos para a História de Macau*, 2.ª ed. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988 contém muitas ocorrências.
- 19 Em Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Correspondência Trocada entre as Autoridades de Guangdong e os Procuradores do Senado*, há muitas ocorrências dos finais do século XVIII e século XIX.
- 20 Na carta de Paulo de Santa Fé, escrita em 1549 (ARSI, Jap.-Sin. 4, fols. 1-1v), anterior à fundação de Macau, pode-se ler que o til sobre a palavra Japão escreve-se ora como deve ser ora como se fosse um acento agudo. O mesmo acontece com a carta do primeiro ‘Vigário da China’, o padre português Gregório Gonçalves, de 1573, em que podemos ver que, embora traduzida em castelhano, a palavra ‘Maquão’ continua grafada à portuguesa e o til figura como acento agudo (Carta de Pe. Gregório Gonçalves, de 1573, original em Archivo General de Indias, Filipinas, 27, fl. 1v, publicada em António Rodrigues Baptista, *A Última Nau, Estudos de Macau*. Macau, 2000, p. 127). No *Dicionário Português-Chinês* de Ruggieri e Ricci há duas ocorrências de “pião”. (Vd. John W. Witek, S. J. (ed.), Michele Ruggieri e Matteo Ricci, *Dicionário Português-Chinês*. Lisboa: Biblioteca Nacional/Instituto Português do Oriente, 2001, p. 130). Na primeira, vemos que o til está bem grafado enquanto na segunda aparece como um acento agudo. Chegando ao século XIX, passou a escrever-se ‘Macáo’, porque a pronúncia é ‘Macáo’, não ‘Mácao’. Começou-se a pôr um acento agudo no segundo “a”, para indicar ser esta a sílaba tónica. Assim, ‘Macáo’ passou a ser a grafia mais corrente no século XIX.
- 21 Graciete Nogueira Batalha, “Este nome de Macau...”, p. 14.
- 22 Paul Pelliot, “Un ouvrage sur les premieres temps de Macao”, in *T'oung Pao*, vol. 31, Leiden, 1935, p. 67.
- 23 Anastasius van den Wyngaert, O. F. M., *Sinica Franciscana*, vol. 2, Ad Claras Aquas (Quaracchi-Firenze) apud Collegium S. Bonaventurae, 1933, pp. 172 e 173.
- 24 Archivo General de Indias, Filipinas, 84, 1, 16.
- 25 Anastasius van den Wyngaert, O. F. M., *Sinica Franciscana*, vol. 2, p. 118.

HISTORIOGRAFIA

- 26 *Ibidem*, pp. 125, 128, 129, 131, 141, 143, 145, 150 e 151.
- 27 Archivo General de Indias, Filipinas, 79, N. 17. Estes documentos estão a ser estudados pelo Doutor Lúcio de Sousa e serão publicados pela Fundação Macau, tanto em inglês como em chinês.
- 28 Archivo General de Indias, Patronato, 25, R. 22.
- 29 Archivo General de Indias, Patronato, 25, R. 22.
- 30 Archivo General de Indias, Patronato, 25, R. 20(1).
- 31 Archivo General de Indias, Patronato, 25, R. 20(2).
- 32 Archivo General de Indias, Patronato, 25, R. 32.
- 33 “Mapa de las islas de Luzón y Hermosa y parte de la costa de la China”, MP-Filipinas, 6.
- 34 Sobre esta personagem, cf. Archivo General de Indias, Patronato, 1, R R. 46.
- 35 Archivo General de Indias, Filipinas, 27, fl. 1v.
- 36 Archivo General de Indias, Patronato, 24, R. 60.
- 37 Francisco Colín, *Labor evangélica...*, Lib. II, Cap. IV, p. 188.
- 38 Archivo General de Indias, Patronato, 24, R. 62.
- 39 Archivo General de Indias, Patronato, 25, R. 13.
- 40 Archivo General de Indias, Patronato, 25, R. 21.
- 41 O seu nome originário é Martín Ignacio Martínez de Mallea. Por ser sobrinho-neto do fundador da Companhia de Jesus Ignacio de Loyola, é mais conhecido como Martín Ignacio de Loyola.
- 42 Anastasius van den Wyngaert, O. F. M., *Sinica Franciscana*, vol. 2, p. 203.
- 43 *Ibidem*, vol. 2, pp. 210, 211 e 213.
- 44 António Caetano de Sousa, *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, Lisboa, Officina Sylviana, da Academia Real, 1739-1748, vol. III, p. 274.
- 45 Anastasius van den Wyngaert, O. F. M., *Sinica Franciscana*, vol. 2, pp. 53, 62 e 67.
- 46 Joseph Wicki S. J. (ed.), *Documenta Indica XIV (1585-1588)*, pp. 6 e 7 e idem, *Documenta Indica XIII (1583-1585)*, p. 430, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1979 e 1975.
- 47 Joseph Wicki S. J. (ed.), *Documenta Indica*, p. 195 e idem, *Documenta Indica XIV*, pp. 7, 493.
- 48 Archivo General de Indias, Patronato, 24, R. 57 e Joseph Wicki S. J. (ed.), *Documenta Indica XIII*, pp. 9, 10, 17, 19, 20 e 671.
- 49 ARSI, Jap.-Sin., 11- I, fl. 86v.
- 50 Joseph Wicki S. J. (ed.), *Documenta Indica XIV*, p. 139.
- 51 Richard Cocks, *Diary of Richard Cocks, Cape-merchant in the English Factory in Japan, 1615-1622: with correspondence*, vol. I, Chestnut Hill, Adamant Media Corporation, 2001, p. 332. ‘Amakon’ é uma fórmula espanhola, que vem do português ‘Amacão’ ou ‘Amacao’.
- 52 Jingu Shicho 神宮司庁, *Koji Ruien* 古事类苑 (Enciclopédia de Assuntos Antigos), Tóquio, impressão com as chapas guardadas em Jingu Shicho, 1914, Secção dos Negócios Estrangeiros 17, p. 1198.
- 53 *Ibidem*, p. 1197.
- 54 He Dazhang e Miao Hongji, *Aomen Dili* 澳门地理 (A Geography of Macao). Guangzhou: The Provincial College of Arts and Science of Guangdong, 1946, p. 3.
- 55 Huang Wenkuan 黄文宽, *Aomen Shi Gouchen* 澳门史钩沉 (Apuradas Investigações da História de Macau). Macau, Editora Seng Kuong, 1987, pp. 197-199.
- 56 Sobre este topónimo, cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, “A Deusa A-Má e os nomes de Macau”, in *Macau*, 3.^a Série, n.º 17, Fevereiro de 2004, pp. 95-108.
- 57 He Dazhang e Miao Hongji, *A Geography of Macao*, p. 3.
- 58 Luís Gonzaga Gomes, *Macau. Um Município com História*, p. 70.
- 59 O Instituto Cultural do Governo da R. A. E. de Macau editará em breve uma nova tradução anotada de nossa autoria.
- 60 Zhao Chunchen 赵春晨 (ed. e notas), Yin Guangren 印光任 e Zhang Rulin 张汝霖, *Aomen Jiliue Jiaozhu* 澳门记略校注 (*Breve Monografia de Macau* Anotada). Macau: Instituto Cultural de Macau, 1992, p. 23.
- 61 *Ibidem*, p. 189.
- 62 T’ien-Tsê-Chang, *O Comércio Sino-Português entre 1514 e 1644 Uma Síntese de Fontes Portuguesas e Chinesas*. Macau: Instituto Português do Oriente, 1997, pp. 115-116.
- 63 Graciete Nogueira Batalha, “Este nome de Macau...”, pp. 10-11.
- 64 *Ibidem*, pp. 9-10.
- 65 Zhang Weihua 张维华, *Mingshi Ouzhou Siguo Zhuan Zhushi* 明史欧洲四国传注释 (Comentários sobre as Quatro Monografias da Mingshi Relativas aos *Folangji*, Lução, Holanda e Itália). Xangai: Editora Clássicos, 1982, p. 28.
- 66 C. R. Boxer, *Fidalgos in the Far East 1550-1770. Facts and Fancy in the History of Macao*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1948, p. 4.
- 67 J. J. L. Duyvendak, “Review of *Fidalgos in the Far East*”, in *T’oung Pao*, vol. 30, 1950, p. 189.
- 68 Luís Gonzaga Gomes, *Macau. Um Município com História*, pp. 71-72.
- 69 José Maria Braga, *The Western Pioneers and their Discovery of Macao*, p. 105.
- 70 Cf. Paul Pelliot, “Un ouvrage sur les premieres temps de Macao”, pp. 67.
- 71 Cf. Manuel Teixeira, *Macau no Século XVI*. Macau: Direcção dos Serviços da Educação, 1981, pp. 4-6 e idem, *Os Militares em Macau*, 1976, p. 15.
- 72 C. R. Boxer, *South China in the Sixteenth Century (1550-1575)*. Londres: Hakluyt Society, 1953, p. 365.
- 73 Søren Egerod, “A Note on the Origin of the Name of Macao”, in *T’oung Pao*, vol. 47, 1959, p. 64.
- 74 Fernão Lopes de Castanheda, *História e Descobrimento da Índia pelos Portugueses*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924, vol. II, p. 422.
- 75 Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926, vol. IV, p. 58.
- 76 Cf. Marziano Guglielminetti, *Viaggiatori del Seicento*. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1969, p. 205. Este relato testemunhal foi citado pela primeira vez por Pasqual d’Elia em *Fonti Ricciane*. Roma: Libreria dello Stato, 1942, vol. I, pp. 151-152, n. 6. Mais tarde, Monsenhor Manuel Teixeira publicou uma tradução em português, feita pelo Prof. Edgar Knowlton da Universidade de Hawaii, em *Macau através dos Séculos*. Macau: Imprensa Nacional, 1977, p. 14.
- 77 Sobre a sua vida e obra, cf. Marziano Guglielminetti, *Viaggiatori del Seicento*, pp. 63-65 e Elisabetta Colla, “O mundo natural asiático nos *Ragionamenti* de Francesco Carletti (1594-1606)”, in *Revista de Cultura* (Edição Internacional), n.º 21 (Jan. 2007), pp. 11-29.
- 78 Sobre a etimologia desta expressão, cf. J. J. L. Duyvendak, “Review of *Fidalgos in the Far East*”, p. 190, n. 4 e Zang Wenqin 章文钦, *Aomen Yu Zhongguo Lishi Wenhua* 澳门与中华历史文化 (Macau e a Tradicional Cultura Chinesa). Macau: Fundação Macau, 1995, pp. 250-251 e p. 261, n. 8.
- 79 Zhao Chunchen (ed. e notas), Yin Guangren e Zhang Rulin, *Aomen Jiliue Jiaozhu*, p. 24.
- 80 Cf. Marziano Guglielminetti, *Viaggiatori del Seicento*, p. 205.
- 81 Rui Manuel Loureiro, *Em Busca das Origens de Macau*, p. 154.
- 82 Cf. Tan Shibao 谭世宝, “Descobertas arqueológicas no Templo de A-Má”, in *Revista de Cultura*, n.º 29 (Out./Dez. 1996), p. 207.
- 83 A San 阿三, *Aomen Aoshi* 澳人澳事 (Macau, Sua Gente e Suas Coisas). Macau: Editora do Jornal Ou Mun, 1997, p. 20.
- 84 Zang Lihe 臧利赫, *Zhongguo Gujin Diming Dacidian* 中国古今地名大辞典 (Grande Dicionário da Toponímia Antiga e Moderna da China). Hong Kong: The Commercial Press, 1982, p. 1223.
- 85 *Cihai* 辞海 (*Mare Lexicum*), edição compacta. Xangai: Editora de Dicionários, 1980, p. 1098.
- 86 John W. Witek, S. J. (ed.), Michele Ruggieri e Matteo Ricci, *Dicionário Português-Chinês*, p. 169.

HISTORIOGRAPHY

- 87 *Placuna placenta* L., um bivalve que abundava nas águas de Macau; daí a origem do nome da terra. A sua concha, semitransparente, era utilizada, depois de polida, para resguardo das janelas. Em indo-português, a concha era conhecida por “carepo” ou “ostra da janela” e o resguardo por “adufa” (cf. A. B. de Bragança Pereira, *Etnografia da Índia Portuguesa*. Nova Deli: Asian Educacional Services, vol. 1, pp. 105 e 112, e Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*. Lisboa: Academia das Ciências, 1919-1921, vol. 1, pp. 12 e 217). Sobre *Hao*, cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, “A Deusa A-Má e os nomes de Macau”, pp. 95-108.
- 88 Para um estudo sobre novos dados da Embaixada de Tomé Pires, cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Revisitar os Primórdios de Macau: Para uma Nova Abordagem da História*, pp. 97-133.
- 89 Cantão.
- 90 Variante de “quantom”.
- 91 Armando Cortesão, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, Coimbra, 1978, pp. 368-369.
- 92 *Ibidem*, pp. 473-480.
- 93 *Ibidem*, pp. 370-373.
- 94 Zhao Chunchen (ed. e notas), Yin Guangren e Zhang Rulin, ‘*Aomen Jiliu’ Jiaozhu*, p. 119. E para informações detalhadas das missões tributárias dos Léquios, pode-se consultar Zhang Tingyu 张廷玉, *Mingshi* 明史 (História Oficial dos Ming). Pequim: Livraria China, 1974, pp. 8361-8370.
- 95 Sobre este reinado, cf. Frederick W. Mote e Denis Twitchett (eds.), *The Cambridge History of China*, vol. 7, *The Ming Dynasty, 1368-1644*, Parte I. Taipé: Caves Books, Ltd., pp. 305-339.
- 96 *Ibidem*, pp. 343-402.
- 97 Zhang Tingyu, *Mingshi*, p. 8366.
- 98 Cf. Frederick W. Mote e Denis Twitchett (eds.), *The Cambridge History of China*, vol. 7, *The Ming Dynasty, 1368-1644*, Part I, p. 169.
- 99 *Ibidem*, p. 1980.
- 100 Dai Yixuan 戴裔烜, *Mingshi Folangji Zhuan Jianzheng* 明史佛郎机传笺正 (Adendas à Crónica dos *Folangji* da *Mingshi*). Pequim: Editora de Ciências Sociais da China, 1984, p. 53.
- 101 Segundo se pensa, Macau abriu-se ao comércio externo a partir de 1535. A partir de 1545 aproximadamente, todos os “bárbaros” aqui vieram comercializar os seus produtos, como consta do seguinte Memorial ao Trono apresentado por Wu Guifang 吴桂芳 em 1565. “Países como o *Folangji*, que foram expressamente proibidos por ordens imperiais para apresentar os seus tributos, misturavam-se com os enviados de outros países a fim de conseguir lucros ilícitos. Até bem pouco tempo, têm sido obedientes. Uma localidade de nome Gongchandu 恭常都 de Haojing’ao de Xiangshan foi ocupada pelos mais diversos bárbaros, onde levantaram clandestinamente palhotas, até quartéis. Tiveram a liberdade de construir igrejas bárbaras para a missa dominical. Frequentam a localidade ou para uma curta visita ou para uma permanência, onde têm descendentes. Verificamos no início disto tudo, havia poucos barcos bárbaros ancorados. Agora com as novas leis promulgadas, todos os bárbaros cumprem com os seus deveres fiscais, que residem na medição, disso a China se tem beneficiado bastante. Com o passar do tempo e uma vez dentro do nosso sistema, começaram a fugir à medição e a ser menos obedientes.... Aliás, não são da nossa raça. Com uma população de não menos de dez mil habitantes, já ocuparam a Baía, convertendo-a numa sua residência de há uma vintena de anos”. Cf. Wu Guifang, “Yizu aoyi jin’gong shu” 议阻澳夷进贡疏 (Memorial ao Trono com a proposta para impedir a tentativa dos bárbaros de Macau), em Chen Zilong 陈子龙 *et al.*, *Huangming Jingshi Wenbian* 皇明经世文编 (Coleção de Escritos de Assuntos Estatais da Augusta Dinastia Min), edição de Pinglu Tang 平露堂, 1638, “Wusima zouyi 吴司马奏议” (Memoriais ao Trono apresentados pelo governador Wu), vol. 1, pp. 15-16. Por este memorial sabemos que Gongchandu, que era a divisão administrativa que abrangia as zonas dos dois lados da actual Porta do Cerco “foi ocupada pelos mais diversos bárbaros, onde levantaram clandestinamente palhotas, até quartéis”. Dado que este Memorial ao Trono foi apresentado com a data de 1565, recuada uma vintena de anos, estaríamos entre 1540 e 1545. Nessa altura, e desde os anos 20, os portugueses ainda eram perseguidos pelas autoridades de Guangdong, o que nos levaria a afirmar que os portugueses não estariam entre “mais diversos bárbaros”. A partir de 1553, os portugueses foram atraídos para Macau e conseguiram impor-se aos outros “bárbaros”. Até agora, nas fontes portuguesas não temos informações sobre uma presença portuguesa no que hoje se chama Macau em 1515. Cf. Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, “1535 shuo de hongguan kaocha” 1535 说的宏观考察 (Um olhar macro-histórico sobre a versão da “abertura” de Macau em 1535), in *Zaoqi Aomen Shilun* 早期澳门史论 (Estudos sobre a História dos Primórdios de Macau). Guangzhou: Guangdongsheng Chubanshe, 2007, pp. 96-124 e Wu Zhiliang, “The establishment of Macao as a special port city and ensuing debates”, in *Social Sciences in China* (Special Issue: Examining the Death Penalty in China), vol. xxx, n.º 2, May 2009, p. 119.
- 102 Vejamos os trabalhos fundamentais de Roderich Ptak, “The Ryukyuan Network in the Fifteenth and Early Sixteenth Centuries”, in *Revista de Cultura* (Edição Internacional), n.º 6 (Abril 2003), pp. 7-23, “The Fujianese, Ryukyuan and Portuguese (c. 1511 to 1540s): Allies or Competitors”, in *Anais de História de Além-Mar* 3 (2002), pp. 447-467 e “The Image of Fujian and Ryūkyū in the Letters of Cristóvão Vieira and Vasco Calvo”, in Angela Schottenhammer (ed.), *Trade and Transfer across the East Asian “Mediterranean”*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 303-319.
- 103 Wu Zhiliang 吴志良 *et al.*, *Mingqingshiqi Aomenwenti Danganwenxian Huibian* 明清时期澳门问题档案文献汇编 (Coleção de Arquivos e Documentos das Dinastias Ming e Qing Relativos a Macau). Pequim: Editora do Povo, 1999, vol. 5, p. 121.
- 104 Liang Jiabin 梁嘉彬, “Mingshi gao Folangji zhuan kaozheng” 明史稿佛郎机传考证 (Adendas à Crónica de *Folangji* do Esboço da *Mingshi*), in Wang Xichang 王锡昌 *et al.*, *Mingdai Guoji Guanxi* 明代国际关系 (Relações Exteriores da Dinastia Ming). Taipé: Livraria Estudantil, 1968, p. 33.
- 105 Sobre este cargo, cf. Jin Guo Ping, “Combates a piratas e a fixação portuguesa em Macau”, in *Revista Militar*, número especial, “Presença Portuguesa no Oriente”, (1999), pp. 204-205, n. 26 e Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Correspondência Trocada entre as Autoridades de Guangdong e os Procuradores do Senado*, vol. 1, pp. 23-24.
- 106 Charles R. Hucker, *A Dictionary of Official Titles in Imperial China*. Taipé: SMC Publishing INC, 1995, p. 154.
- 107 Armando Cortesão, *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, pp. 371-372 e n. 388.
- 108 Tang Kaijian 汤开建, *Aomen Kaibu Chuqi Shi Yanjiu* 澳门开埠初期史研究 (Estudos sobre os Primórdios da Abertura de Macau). Pequim: Livraria China, 1999, p. 65.